



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, ainda constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Vulnerabilidade e fazer etnogr?fico

Autoria: Adriana dos Santos Fernandes

A observa??o de Veena Das de pensar a doen?a - entre os moradores de periferias de Nova Delhi (e de outras periferias) - n?o como um fato extraordin?rio, mas em continuidade com a vida, me parece uma pista instigante para discutir alguns dilemas que acompanham campos perpassados por condi??es materiais de precariedade e por jogos de reconhecimento/invisibilidade em torno da vulnerabilidade. Ser reconhecido como um sujeito vulner?vel inclui, a maior parte das vezes, tornar-se (e permanecer) um sujeito adoecido e/ou medicalizado. Tal sujeito, que ganhou destaque, a partir dos anos 90, na chamada era do humanitarismo, continua objeto privilegiado de compaix?o por parte das ?gncias internacionais respons?veis por pol?ticas protetivas e de direitos humanos. No campo dos abrigos, acessar determinadas pol?ticas, assim como ser um usu?rio (do abrigo) portador de problemas mentais ou de alguma doen?a cr?nica, possibilita, de forma positiva e paradoxalmente, reabitar sua queda/sofrimento. Para o corpo do/a pesquisador/a em campo e a transmiss?o dessa experi?ncia (a etnografia), a considera??o dos estados variados de vulnerabilidade coloca quest?es mais ?envenenadas? (seguindo o l?xico de Das). A suspeita de que o interlocutor usu?rio dos abrigos est? nos ?engambelando?/?enrolando?, mesmo que entenda esse gesto como uma performance ligada a vulnerabilidade e seus jogos, n?o ? algo restrito ao campo dos abrigos, mas parece mais constitutiva de campos de pesquisa informados por condi??es de precariedade. Esses estados de desconfian?a, por sua vez, n?o deixam de fazer parte do processo de constru??o de confian?a que desponta via cotidiano, assim, pagar um lanche, uma conta ou um rem?dio, emprestar um dinheiro, situa??es que se apresentam, em geral, em regime de urg?ncia, n?o s?o exatamente situa??es de f?cil decis?o e sem consequ?ncias. Como sabemos, in?meros pesquisadores j? ressaltaram que o encontro entre etn?grafo/interlocutores/?informantes? encena rela??es de poder referentes a desigualdades e conflitos das sociedades e grupos onde se inserem. Perseguindo algumas passagens da pesquisa em abrigos p?blicos no Rio de Janeiro desejo discutir como a vulnerabilidade - enquanto um conjunto de enunciados, pr?ticas e



signos - tem sido manejada por camadas populares precarizadas como forma de acessar determinadas políticas, e o que isso coloca ao fazer etnográfico.



Realização:



Apoio:



Organização:

